



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
LETRAS E ARTES - PARFOR

EIZIANE BELO BARRETO

MARA VALDENE SILVA LOBO

MARLI DA SILVA BARROS AMANAJÁS

NILSON CHAVES: Interface Amazônia, Índio

MACAPÁ-AP

2015

EIZIANE BELO BARRETO

MARA VALDENE SILVA LOBO

MARLI DA SILVA BARROS AMANAJÁS

NILSON CHAVES: Interface Amazônia, Índio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade Federal do Amapá como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português / Francês.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Almir Silva Gomes

MACAPÁ-AP

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

372.87

B273n Barreto, Eiziane Belo

Nilson Chaves: Interface Amazônia, Índio / Eiziane Belo Barreto, Mara Valdene Silva Lobo, Marli da Silva Barros Amanajás; orientador Antonio Almir Silva Gomes -- Macapá, 2015.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

1. Canções - Amazônia. 2. Lei 11.645/08. 3. Música – Sala de aula 4. História indígena – Amazônia. I. Gomes, Antonio Almir Silva, orientador. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Almir Silva Gomes

(Presidente)

Prof. Samela Ramos Silva

(Membro)

Prof. Manoel Azevedo

(Membro)

AGRADECIMENTO

Agradecemos primeiramente a Deus por nos ter dado forças, paciência, persistência para não desistir, devido aos obstáculos que encontramos neste longo caminho. Aos nossos familiares, por todo apoio e compreensão ao longo do curso. Aos nossos colegas de turma que fizeram parte dessa jornada. Aos nossos professores pelos conhecimentos transmitidos. E em especial ao nosso professor Dr. Antonio Almir Silva Gomes por ter dedicado seu tempo para nos orientar nesse TCC.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
1 AMAZÔNIA E ÍNDIO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO.....	09
2 BIOGRAFIA E DISCOGRAFIA DO CANTOR	12
3 ANÁLISE DAS CANÇÕES.....	14
3.1 A Amazônia.....	14
3.1.1 A Amazônia nas canções de Nilson Chaves.....	15
3.2 Os Índios	27
3.2.1 O Índio nas canções de Nilson Chaves	29
4 NILSON CHAVES: PAIXÃO PELAS CANÇÕES	38
5 REFERÊNCIAS	43

RESUMO

Nesse TCC, propomos trabalhar as canções de Nilson Chaves como ferramenta metodológica, para tratar das temáticas Amazônia e Índio no âmbito de sala de aula, para tal analisamos no total de dez canções, sendo que estas foram separadas em duas seções, uma relacionada à Amazônia (3.1) e outra relacionada à figura do Índio (3.2). As canções que falam da Amazônia são: *Amazônia, Olho de boto, Gaia, Flor do Destino, Olhando Belém, Sabor Açaí*. As que falam sobre o Índio são: *Tudo Índio, Amocariu, Memórias da Tribo e O Sonho do Xamã*. Para isso, é necessário conhecer a lei que torna obrigatório o ensino da educação indígena nas escolas, a lei 11.645/08 como dispositivo legal. Nesse sentido dizer que essas temáticas podem ser trabalhadas em qualquer disciplina da matriz curricular de ensino. Levando em consideração o respeito à diversidade, seja ela cultural, econômica, social e étnico-racial. Em suma acreditamos que a responsabilidade de preservar a Amazônia e os povos que nela habitam é tarefa de todos, em face à importância da mesma para o planeta, e principalmente para os que dela subsistem.

Palavras chaves: Música, Amazônia, Índio, Diversidade, Preservação.

RÉSUMÉ

Dans cette TCC, nous vous proposons de travailler les chansons par Nilson Chaves clés comme outil méthodologique, pour traiter des thèmes au sein de la classe à analyser dans un total de dix chansons, Amazon et indien étant que ceux-ci ont été séparés en deux sections, une liée à Amazon (3.1) et l'autre liée à la figure de l'Indien (3.2). Sont des chansons qui parlent de l'Amazonie : *Amazon, Oeil de Boto, Gaia, Fleur du Destin, À Bethléem, Saveur de l'Acai*. Ceux qui parlent de l'Indien sont : *Tous les Indiens, Amocariu, Mémoire de la Tribu et le Rêve du Chaman*. Pour ce faire, il est nécessaire de connaître la loi qui rend obligatoire l'enseignement de l'éducation autochtone dans les écoles par le biais de la loi 11.645/08 comment cool device. En ce sens à dire que ces thèmes peuvent être travaillées dans n'importe quelle discipline de matrice de cursus d'enseignement. Prenant en considération le respect de la diversité, que ce soit économique, social, culturel et ethnique et raciale. En bref, nous croyons que la responsabilité de la préservation de l'Amazonie et le peuple en lui.

Mots-clés : Musique, Amazon, Indienne, La diversité, Conservation.

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo de pesquisa, a Amazônia e o Índio expressas nas canções de Nilson Chaves publicadas ao longo de décadas em inúmeros discos. Ao assim fazermos, buscamos evidenciar e valorizar, no ambiente da sala de aula das escolas da Educação Básica, a cultura e a diversidade dos povos indígenas da Amazônia como primeiros habitantes das terras brasileiras.

O trabalho em questão pretende subsidiar em ambientes escolares discussões dentro das temáticas ambiental, educacional indígena e musical; assim como a diversidade étnico-racial. Pretende, também, promover nos mesmos ambientes, discussões e reflexões sobre abordagem e a equidade social dos povos indígenas, o respeito à diversidade humana, ao gênero, ao meio ambiente. Como forma de garantir o que prevê a Lei 11.645/08. Diante disso, assumimos a utilização da música na sala de aula como ferramenta e instrumento pedagógico, visando à efetivação, na escola, do conhecimento dos temas Amazônia e Índio.

Faremos uma abordagem sobre a Amazônia ontem, hoje, e pretensões governamentais; contextualização sobre a história indígena na Amazônia – perdas e ganhos. Isso se faz necessário para que possamos conhecer a história da Amazônia e dos povos indígenas; fazer reflexões em relação à valorização deste tema em ambiente escolar; compreender as letras nas suas várias dimensões. Sendo que esta abordagem faz parte, segundo o Ministério da Educação (MEC), de uma das metas a ser trabalhada nas escolas da Educação Básica, no que concerne ao trabalho educacional dos PCNs, para que se possa garantir um aprendizado que respeite as diversidades culturais e, desta forma, garantir eficiência nos trabalhos realizados com os temas transversais na escola. Nesse contexto, assegura-se, também, o que está estabelecido na Lei 11.645/08, segundo a qual “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”.

A Amazônia e o Índio nas canções de Nilson Chaves tornam-se nossa ferramenta pedagógica, capaz de proporcionar um melhor aprendizado. Tais canções não apenas sensibilizam a criança, mas ao adulto também, favorecendo, assim, um aprendizado descontraído e divertido. Ao pensarmos que as canções aqui tratadas

podem fazer parte do contexto educacional, imaginamos o favorecimento, nelas, de autonomia, criatividade, criticidade, de modo que se aproprie de novos conhecimentos; nesse caso, relativos à Amazônia e aos povos indígenas brasileiros.

No que confere ao lugar da música¹ na sala de aula, segundo Deckert (2012, *apud* BRASIL, 1998, p. 45) afirma que:

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos ao lado da matemática e da filosofia.

Nessa perspectiva, o TCC tem como objetivo realizar uma análise sobre a Amazônia e o Índio nas letras das canções de Nilson Chaves. Para tal, selecionamos canções de fácil acesso do público, todas disponíveis na internet². Essas canções no total de 10 foram separadas em duas seções, sendo uma relacionada à Amazônia (3.1) e outra relacionada à figura do Índio (3.2). As canções que falam da Amazônia são: *Amazônia, Olho de Boto, Gaia, Flor do Destino, Olhando Belém, Sabor Açaí*. As que falam sobre o Índio são: *Tudo Índio, Amocariu, Memórias da Tribo e O Sonho do Xamã*. As seções (3.1) e (3.2) servem-nos de base para uma quarta seção (4), na qual fazemos inferências acerca da paixão do intérprete nas canções pela temática abordada, numa verdadeira relação de identidade entre ambos. Na primeira seção (1) abaixo, argumentamos em favor da necessidade de pensarmos em nossa prática profissional a questão da Amazônia e do índio.

¹ Em nosso trabalho, adotamos o termo canção para nos referirmos à música.

² Disponível em: <https://ouvirmusica.com.br/nilson-chaves/>. Acesso em março de 2015.

1 AMAZÔNIA E ÍNDIO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

As dez canções selecionadas e apresentadas nas seções (3.1 e 3.2) podem ser utilizadas nas salas de aula pelo professor para tratar de questões relativas às diversas línguas indígenas faladas no território brasileiro, às culturas, às lutas desses povos para serem reconhecidos e respeitados pela sociedade brasileira em suas especificidades, o respeito à diversidade, bem como a preservação da Amazônia e sua relação com a natureza de um modo geral; tema muito debatido atualmente. Ao trabalhar essas canções, o professor valoriza os artistas amazônicos como Nilson Chaves entre outros que, através de sua arte de cantar, exaltam suas raízes; reafirmando sua identidade amazônica.

Discutir a Amazônia e o Índio na sala de aula, também nas aulas de língua materna, por exemplo, além de fazer com que os alunos se apropriem da consciência ambiental em relação à Amazônia, tem o intuito de desmistificar a imagem distorcida que lhes foi apresentada sobre os índios; imagem introduzida de maneira errônea nos conteúdos escolares.

Utilizar a canção como mais uma ferramenta de aprendizagem dentro da sala de aula torna o aprendizado mais prazeroso, de modo que o conteúdo programático passa a ter sentido quando for apresentado ao educando, tornando-o sujeito construtor do seu próprio conhecimento. O aluno se sentirá envolvido, motivado a participar como agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, modificando assim sua realidade.

O tema abordado neste TCC pretende discutir temas que, contribuam para uma transformação da realidade. Para isso, é necessário que professores e alunos tenham em mente, por exemplo, que hoje vivem no Brasil aproximadamente 230 povos indígenas com 150 línguas diferentes (cf. MOORE, GALUCIO E GABAS Jr., 2008). Cada um desses grupos tem sua forma de expressão, religião, arte, ciência, com uma dinâmica histórica própria. A todos, no entanto, uma história comum representada por séculos de segregação.

Desde o período da colonização, esses povos foram enganados, escravizados, marginalizados pela sociedade e até hoje suas terras são invadidas por posseiros e grileiros, gerando conflitos e mortes. Mesmo com a criação de leis que, de certo modo, os protegem e tentam reparar anos de massacres, os povos indígenas continuam sendo vistos pela maioria da sociedade brasileira apenas como “nativos”, como se fossem

todos iguais, desvalorizando assim sua rica diversidade cultural. Bonin (2010) afirma que “a divulgação da temática indígena servirá para valorizar a diversidade sociocultural do país”, ou seja, conhecer mais essa cultura possibilitará “uma reflexão sobre a riqueza que a diversidade étnica propicia”. É nisso que acreditamos ao propor nosso TCC.

Sobre a Amazônia, podemos dizer que ela possui mais de cinco milhões de quilômetros quadrados de floresta e concentra a maior biodiversidade do planeta. No entanto, em virtude do intenso desmatamento, a área original tem sido reduzida drasticamente nos últimos anos. Essa floresta está presente em oito países sul-americanos (Brasil, Suriname, Venezuela, Guiana, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia), também faz parte do território da Guiana Francesa.

Seu desmatamento em solo brasileiro se deve, dentre outros fatores, à criação na década de 1970 do Plano Nacional de Integração (PNI) com objetivo de integrar a Região Amazônica à economia nacional e, assim, povoar a região. O governo da época distribuiu incentivo, como a doação de terras naquela área para quem quisesse começar lá uma nova vida, objetivando assim ocupar aquela fronteira “vazia”.

A ocupação de terras na Amazônia ocorrida na década de 1970 em virtude de ser considerada como um vazio demográfico encobre uma inverdade, já que sabemos não foi bem assim. Essa não era uma região desabitada; existiam povos indígenas morando nessa região. Como consequência da implantação do PNI, esses povos, infelizmente, tiveram suas terras tomadas, divididas em nome do progresso; o que afetou diretamente a relação de sobrevivência que esses povos têm com a natureza.

A importância que a natureza tem na vida dos índios é percebida na relação com a floresta, é uma relação diversificada de ecossistemas, de sobrevivência, de respeito e equilíbrio, de propagação de vida e cultura. Essa relação difere da visão de uma boa parte da população nacional, que vê na natureza exuberante da Amazônia apenas um lugar de comércio, do lucro individual ou coletivo de grandes empresas através da exploração dos recursos naturais. Porém os índios vêem a natureza sua mãe, casa, seu meio de vida.

É na região Amazônica que se concentra o maior número de povos indígenas do Brasil. Segundo dados do IBGE, vivem nessa região aproximadamente cerca de 180 povos indígenas, somando uma população de aproximadamente 208 mil indivíduos. Podemos considerar desta maneira, que a Amazônia e as populações indígenas que nela

vivem estão entrelaçadas, não podendo viver separadas. Uma relação simbiótica de interdependência. Se a humanidade não se conscientizar e preservar a Amazônia hoje, ela irá desaparecer e não será mais vista no futuro e, junto com ela, a pouca população indígena que nela vive.

A luta dos povos indígenas é ir contra as relações de poder, que os oprimiam ou subjugavam, com isso, tentar mudar a visão presente nos livros didáticos distribuídos em todo o território nacional para as escolas do sistema educacional brasileiro que apresentam a vida indígena de maneira fragmentada e não contextualizada, quase de maneira idílica; conforme o que lhes foi estabelecido historicamente.

Toda essa discussão – que acreditamos e defendemos neste TCC – pode ser desencadeada na sala de aula a partir de atividades envolvendo as canções aqui apresentadas. Nestas, se podem identificar uma visão literária, poética, cantada e escrita por escritores, músicos e poetas amazônicos. Com isso, a temática Indígena e Amazônica na escola será absorvida mais facilmente e de maneira diversificada.

Ao final, pensamos a aquisição, por parte de todos os envolvidos com a Educação Básica, de uma postura capaz de gerar sentimentos de reconhecimento, valorização e respeito à Amazônia e às populações indígenas que nela vivem. Dito isto, apresentamos a seguir a biografia / discografia do cantor Nilson Chaves, autor e/ou intérprete das canções selecionadas.

2 BIOGRAFIA E DISCOGRAFIA DO CANTOR

Carlos **Nilson** Batista **Chaves**, mais conhecido como Nilson Chaves, nasceu em Belém no estado do Pará no dia 08 de novembro de 1951. Cantor, compositor e violonista, Nilson Chaves é um dos grandes representantes da música brasileira da região amazônica³. Em novembro de 2015 completará 64 anos de idade com 16 discos gravados, sendo 13 CDs, ganhador de vários prêmios no Brasil e exterior, se orgulha de ser um 'cantador' fiel da legítima música popular brasileira.

Foi do pai que o cantor herdou o gosto pela música popular brasileira, quando aos sete anos de idade, começou a ouvir grandes ícones da música como Dolores Duran, Maysa, Nara Leão entre outros. Aos doze anos, passou a aprender violão e tentar compor. Ainda jovem, fez grandes amizades, com destaque para o amigo Vital Lima. O cantor diz ter o privilégio de viver sempre da música. Foi justamente no período em que o cantor precisou difundir a música amazônica que ficou longe da região amada, e para aliviar a saudade criava canções falando desse sentimento, mencionando nelas tudo o que o levava até lá, os sabores, as lendas, os hábitos, o sotaques, o cheiro de rio, a floresta e tudo isso faz parte da vida dele.

Podemos dizer que o fascínio e o amor que ele tem pela a Amazônia o fizeram assumir o risco em gravar canções em estilo amazônico, pelo fato de que o mercado da música brasileira não tinha interesse em tocar essas canções. Ele não desistiu, e tornou-se conhecido nacionalmente pelo estilo próprio de cantar a Amazônia. Através de sua voz, o restante do Brasil tem a oportunidade de conhecer e ouvir sobre a região Amazônica.

Seu trabalho busca sempre desenvolver através das letras de suas canções uma linguagem poética e musical quando canta a Amazônia. Ele comentou sobre isso em uma publicação em seu blog⁴ “Levanto a bandeira da Amazônia não só porque faço parte, mas principalmente para que possamos um dia nos sentir fazendo parte do Brasil. Estamos próximos disso e nos sentiremos com certeza mais leves e tranquilos porque nossas riquezas culturais estarão integradas nesse país tão rico e tão versátil”. Comentou isso depois do show “Amapá em Cantos” realizado em São Paulo em 2008 com a participação de vários cantores.

³ Disponível em: <http://www.anovademocracia.com.br/no-44/1722-nilson-chaves-o-violeiro-amazonico>. Acesso em março de 2015.

⁴ Disponível em: <http://nilsonchavesamazonia.blogspot.com.br/> Acesso em março de 2015.

Ao longo de sua carreira teve inúmeros parceiros que faz questão de lembra como: Mahrco Monteiro, Zé Miguel, Guinga, Celso Viáfora, Lucinha Bastos, Graça sua eterna companheira, Ceumar a voz de anjo, Vital Lima, Dori Caymmi, P. Cesar Pinheiro, João Gomes, Célio Cruz, Simone Almeida, Zeca Baleiro, Chico Cezar, Lia Sophia, maestro Waldemar Henrique, Boi Veludinho de Belém, as crianças de Paraesópolis de São Paulo, Fafá de Belém, Eliakin Rufino, Felipe Cerquize entre outros.

Nilson Chaves tem uma extensa, prestigiada e premiada obra musical. Abaixo a discriminamos:

Dança de Tudo – Vinil 1981

Interior – Vinil - em parceria com Vital Lima 1984

Sabor – Vinil 1989

Amazônia – Vinil 1990

Nilson Chaves Em Dez Anos – CD – 1992

Não peguei o Ita – CD 1993

Nilson Em Dez Anos Volume 2 – CD 1994

Waldemar – CD - com Vital Lima – 1994

Tudo Índio - CD 1996

Amazônia Brasileira – CD com Sebastião Tapajós 1997

Do lado de cá – CD com Sebastião Tapajós 1998

Tempo Destino, 25 anos ao vivo – CD 1999

Gaia – CD – 2000

Melhores Momentos – CD 2001

A força que vem das ruas – Álbum com 3 CDs – com Mahrco Monteiro, Lucinha Bastos e Nilson Chaves – CD – 2004

Maniva – CD – 2006 - Novo CD de Nilson Chaves

CD Jurutiamar - Trilogia - Nilson Chaves, Lucinha Bastos e Mahrco Monteiro

DVD “A Força que vem das ruas” – Nilson Chaves, Mahrco Monteiro e Lucinha Bastos – outubro de 2005

DVD Thiago de Mello e amigos que foi gravado no Teatro Amazonas em Manaus

DVD “Gente da Mesma Floresta” show com Nilson Chaves gravado no Centro Cultural do Itaú em São Paulo com participação especial de vários artistas.

DVD “Maniva” lançamento abril de 2009

DVD “Sina de Cigano” Nilson Chaves e Vital Lima 30 anos de parceria lançamento junho de 2009

DVD/CD - Ser do Norte - Novo Trabalho de Nilson Chaves para 2009 - gravação/março.

CD Amores lançamento 2013

3 ANÁLISE DAS CANÇÕES

Ao analisar as canções de Nilson Chaves, buscamos compreender o que o eu lírico quer dizer nas entrelinhas das canções: *Amazônia, Gaia, Olho de Boto, Flor do Destino, Olhando Belém, Sabor Açaí, Tudo Índio, Memórias da Tribo, Amocariu, Sonho do Xamã*. Selecionamos essas canções porque suas letras falam da Amazônia e do Índio, temas que constituem nosso objeto de pesquisa.

No geral, estas canções são tão marcantes, pois falam de coisas vividas e sentidas pelo eu lírico; falam do cotidiano dos povos da Amazônia, índios, brancos, negros, contam suas lendas: temas peculiares que fazem parte da vida de quem mora na Região Norte.

As canções falam, também, da beleza do lugar, de seus sabores e cores, de amor, de saudade, das danças, da floresta com seus animais e plantas, de problemas ambientais como: poluição e desmatamento. Devido a isso, nosso interesse por essas canções, pois abordam muitos temas relevantes, que podem até parece irrelevantes aos olhos do mundo, mas que fazem parte do jeito de ser e de viver na Amazônia. Todos, envoltos em uma linguagem absolutamente fascinante, que revela uma relação intrínseca entre o eu lírico da canção, a Amazônia, o Índio. Juntos, esses elementos presentes revelam a identidade amazônica / indígena do eu lírico. A seguir tratamos dos referidos elementos e das seções distintas.

3.1 A Amazônia

A Amazônia faz parte da vida dos povos que habitam a Região Norte, uma vez que se distribui por todo o território dos estados que constituem tal região, produzindo uma grande reserva natural de oxigênio que ajuda a manter o equilíbrio do planeta. Sua biodiversidade, além de garantir a sobrevivência dos povos que habitam a região, fornecendo alimentação, moradia e medicamentos, tem uma relevância que vai além de suas fronteiras, já que é fundamental no equilíbrio climático global, inclusive com influência diretamente no regime de chuvas do Brasil e da América Latina. Sua imensa cobertura vegetal estoca entre 80 e 120 bilhões de toneladas de carbono. A cada árvore que cai, uma parcela dessa conta vai para os céus.

Ao considerarmos as questões climáticas tão discutidas atualmente pelas ciências do clima, sabemos que algo precisa ser feito imediatamente para manter o equilíbrio global, pois o desmatamento tem avançado ao longo das décadas. Desde a chegada dos portugueses em 1550 até 1970, o desmatamento não passava de 1% de toda a floresta. No entanto, em apenas 40 anos, foram desmatadas cerca de 18% da Amazônia brasileira – uma área equivalente aos territórios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Daí é de grande relevância conhecer um pouco mais desse bioma natural. Assim, ao pensarmos a presença desta temática na escola, escolhemos a canção como um ótimo meio.

3.1.1 A Amazônia nas canções de Nilson Chaves

Nesta seção analisamos as canções de Nilson Chaves que falam da Amazônia, mais especificamente: *Amazônia, Gaia, Olho de Boto, Flor do Destino, Olhando Belém e Sabor Açaí*. Mostramos que as canções analisadas tratam do cotidiano das pessoas que vivem na Amazônia como índios, brancos, negros, caboclos, ribeirinhos, falam dos mitos e lendas da região⁵.

As canções também fazem referência a cidades do estado do Pará, com destaque para Belém, a capital do estado, assim como tratam da relação da natureza com os ecossistemas. Para casos como esses, interpretamos as cidades como pontos igualmente relevantes para a Amazônia.

A primeira canção analisada que fala sobre a Amazônia recebe o mesmo nome da floresta. Ressaltar de antemão, que o eu lírico expressa seus sentimentos referentes à beleza da natureza, à cultura dos povos que habitam essas terras, aos sabores das frutas regionais, das danças típicas das cidades da Amazônia, das saudades do antigo amor cantado nas obras dos poetas da Amazônia. Ou seja, o eu lírico exalta a natureza na sua totalidade por reconhecer a importância da mesma para a sobrevivência do planeta. A seguir, a letra “Amazônia”.

⁵ Os mitos são histórias sobre um passado bem distante que, ao mesmo tempo, dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo, os seres e as coisas vieram a ser como são. Disponível em: <http://pibmirim.socioambiental.org/como-vivem/mitos>. As lendas indígenas são histórias fantásticas cheias de mistério sobrenatural, ligadas à feitiçaria e à magia. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em março de 2015.

1-Amazônia (Nilson Chaves. CD Nilson Chaves Em Dez Anos, 1992)

*Sim eu tenho a cara do saci, o sabor do tucumã
Tenho as asas do curió, e namoro cunhatã
Tenho o cheiro do patchouli e o gosto do taperebá
Eu sou açai e cobra grande
O curupira sim saiu de mim, saiu de mim, saiu de mim...
Sei cantar o "tár" do carimbó, do siriá e do lundú
O caboclo lá de Cametá e o índio do Xingu
Tenho a força do muiraquitã
Sou pipira das manhãs
Sou o boto, igarapé
Sou rio Negro e Tocantins
Samaúma da floresta, peixe-boi e jabuti
Mururé filho da selva
A boiúna está em mim
Sou curumim, sou Guajará ou Valdemar, o Marajó, cunhã...
A pororoca sim nasceu em mim, nasceu em mim, nasceu em mim...
Se eu tenho a cara do Pará, o calor do tarubá
Um uirapuru que sonha
Sou muito mais...
Eu sou, Amazônia!*

É interessante como o eu lírico retrata nesta canção as riquezas e encantos, mas, também fala das pessoas que vivem na Amazônia, como o caboclo, o indígena, a vida simples que levam e principalmente a relação de respeito que há entre homem e natureza. Assim, a floresta e os povos que nela vivem integram-se.

A canção “**Amazônia**” também faz referência a mitos e lendas, que são heranças herdadas por antepassados, de forma oral, um legado de pais para filhos como as lendas do saci, do curupira, da cobra grande. O eu lírico enfatiza as lendas nos versos “o curupira sim saiu de mim, saiu de mim, saiu de mim” querendo dizer que as lendas fazem parte da sua vida. O eu lírico em primeira pessoa do singular “eu” em todas as estrofes da canção ratifica o sentimento de amor deste em relação à Amazônia, a interdependência que há entre ele e a exuberante floresta amazônica, e todos os seus encantos demonstrados em versos cantados, capazes de mexer com o imaginário de quem ouve ou lê a música. É como se fossemos capazes de sentir, através da letra, o cheiro exótico das plantas, flores, raízes e até sentir o sabor incomparável das frutas. É como se pudéssemos perceber nos seguintes versos “tenho o cheiro do patchouli e o gosto do taperebá”, “Eu sou açai e cobra grande”, toda a Amazônia em nossas entranhas!

O açaí, também presente na canção “*Amazônia*”, é o fruto considerado “a Pérola Negra da Amazônia” por possuir riquíssimas propriedades nutricionais, além de ser um dos alimentos mais apreciados pelos moradores da região amazônica, hoje é também conhecido em todo o Brasil e no mundo. A Cobra Grande, assim como a lenda do Muiraquitã⁶, é bastante conhecida na região amazônica – o muiraquitã, por ser um amuleto que traz sorte a quem o possui e a Cobra Grande por ser temida na região amazônica. Ou seja, o eu lírico mostra ser, um exímio conhecedor da Amazônia em sua totalidade, inclusive em sua grande diversidade de plantas e animais, riquezas culturais, sem deixar de falar das pessoas, da linguagem tipicamente cabocla e indígena, das cidades do Estado do Pará, dos rios a exemplo dos rios Negro e Tocantins, certamente por estes serem importantes para o escoamento de produtos da floresta para as cidades do Pará.

O eu lírico se vê com a cara do Pará, “se eu tenho a cara do Pará”, fazendo uma relação simbiótica entre ele, o estado do Pará, a Amazônia, o Brasil e o Mundo, como se fossem um só “eu sou Amazônia!” Exclamando sem se importar com a imagem deturpada que o restante do Brasil tenha em relação à Amazônia e tudo que nela existe. Verifica-se nesta letra a paixão do eu lírico e sua interdependência com a Amazônia e sua natureza exuberante, presente em todas as letras das canções analisadas, chegando até mesmo personificar esses elementos como no caso da canção (2) “*Gaia*”⁷ que valoriza a vida natural, a relação harmônica, homem X natureza, o místico e o sagrado, já que Gaia significa “Deusa Terra”.

2- Gaia (Nilson Chaves e Eliakin Rufino. CD Gaia, 2000)

A pedra canta, a planta fala
O rio vê
O vento sente, a chuva chora
O raio lê
O peixe sonha, a rosa dança
Tudo é o mesmo ser
Tudo é o mesmo ser

⁶ Segundo a lenda mais comum, os verdadeiros Muiraquitãs são filhos da Lua retirada do fundo de um imaginário lago denominado espelho da lua. O Muiraquitã é considerado um verdadeiro amuleto da sorte, é geralmente de cor verde. Disponível em: <http://noamazonaseassim.com/a-lenda-do-muiraquita>. Acesso em março de 2015.

⁷ Significa o nome da deusa Terra, companheira de Urano (céu) e mãe dos Titãs (gigantes), ou seja, Gaia é a personificação do planeta Terra, uma mulher gigantesca e poderosa. Disponível em www.significado.com.br/gaia. Acesso em março de 2015.

*Tudo é o mesmo ser
Gaia, gaia, tudo está vivo
Tudo respira, eu e você
A nuvem sabe, a lua entende sol nascer
O fogo escreve, a estrela dorme
O povo crê
O céu esquece, a onda lembra
Tudo é o mesmo ser 2X
Tudo é o mesmo ser
Gaia, Gaia, tudo está vivo, Tudo respira, eu e você*

Nesta canção, o eu lírico demonstra o sentimento de dependência que há do ser humano em relação à natureza, que nós humanos dependemos diretamente dos elementos encontrados na natureza, a representatividade e a importância que cada um desses tem no meio ambiente, como se um ser supremo, tivesse colocado um a um em seus devidos lugares, e que toda alteração feita pelo homem, pode trazer consequências em sua maioria irreversíveis. No entanto, ao personificar a pedra, o rio, o peixe, a rosa, a nuvem, a lua, o fogo, a estrela, o céu e a onda, o eu lírico mostra-nos que todos estes têm vida própria, e o quanto dele dependemos: “tudo é o mesmo ser”, “tudo respira, eu e você”. Mais uma vez, nota-se a relação simbiótica presente entre o eu lírico, a Amazônia e a natureza. Ou seja, ainda que não entendamos, ou não aceitemos, a natureza faz parte de nós, dependemos dela pra tudo. Ela é um elemento vivo em nosso meio.

Vale ressaltar que não cabe a nós mudarmos o curso natural da vida, porém, a efetivação deste curso dar-se-á através de nossas atitudes. A relação homem X natureza deve estar em consonância, para que não venhamos a sofrer consequências como a falta de água potável, o efeito estufa, doenças respiratórias entre outros. Isto é, o eu lírico através da canção “**Gaia**” nos faz refletir sobre nossas ações na natureza e que todas as alterações feitas pelo homem nesta, de maneira desordenada como desmatamento, poluição das águas, do ar, a derrubada de árvores, a matança de animais, sem falar do extermínio dos verdadeiros guardiões da natureza, os indígenas, trarão consequências irreversíveis que contribuirão diretamente no “desequilíbrio” do planeta. Sendo assim, o eu lírico finaliza a canção fazendo esta inter-relação “Gaia, gaia, tudo está vivo, tudo respira, eu e você”.

Em “**Olho de Boto**” (3), observamos novamente a presença da natureza. Assim como atestado na canção anterior, sendo que a natureza é apresentada de maneira personificada.

3-Olho de Boto (Nilson Chaves e Cristóvam Araújo. CD Nilson Chaves Em dez Anos, 1992)

*E tu ficaste serena
Nas entrelinhas dos sonhos
Nos escaninhos do riso
Olhando pra nós escondida
Com os teus olhos de rio
Viestes feito um gaiola
Engravidado de redes
Aportando nos trapiches
Do dia a dia e memória
Com os teus sonhos de rio
E ficaste defendida
Com todas as suas letras
Entre cartas e surpresas
Recírio, chuva e tristeza
Vês o peso da tua falta
Nas velas e barcos parados
Encalhados na saudade
De Val-de-cans ao Guamá
Porto de sal das lembranças
Das velhas palhas trançadas
Na rede de um outro riso
Às margens de outra cidade
Ah, os teus sonhos de rio!
Olho de boto
No fundo dos olhos
De toda a paisagem*

O boto é uma espécie de mamífero, bastante conhecida na região amazônica por sua beleza e principalmente pela lenda do boto⁸, que tem sua relevância não somente histórica como também sócio-cultural, e por ser uma das lendas mais populares nesta região. Tal fato influenciou Cristóvam Araújo autor e compositor paraense de imensa sensibilidade da belíssima **“Olho de boto”** cantado por Nilson Chaves e Vital Lima. Esta é uma das canções mais frequentemente apresentadas nas noites de Belém.

⁸ De acordo com a lenda do boto, um boto cor-de-rosa sai dos rios nas primeiras horas das noites de festa e com um poder especial, transforma-se em um lindo jovem vestido com roupas brancas. Ele usa um chapéu branco para encobrir o furo na cabeça, o rosto e disfarçar o nariz grande. Nas festas, com seu jeito galanteador e falante, o boto dança, bebe, se comporta como um rapaz normal e aproxima-se das jovens solteiras, seduzindo-as. Logo após, consegue convencer as mulheres para um passeio no fundo do rio, local onde costuma engravidá-las. Na manhã seguinte volta a se transformar no boto, pois o seu encantamento só acontece à noite. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/boto>. Acesso em março 2015.

Nessa canção, observamos que o eu lírico se apresenta em um contexto diferente das canções “*Amazônia*” e “*Gaia*”, já que se nota aqui a presença de uma segunda pessoa do singular “tu” a exemplo das quatro primeiras versos, “E tu ficaste serena”, “Vieste feito um gaiola”, “E ficaste defendida”, “Vês o peso da tua falta”.

A utilização de uma segunda pessoa na canção em questão nos remete à ideia de um amor entre o eu lírico e uma personagem que, provavelmente, seja à própria cidade de Belém-PA. Nota-se reciprocidade entre ambos através do olhar, envolvendo-o de forma que não a esquecesse “Do dia a dia e memória” ainda que ela ficasse na defensiva, “E ficaste defendida”. Porém, restava-lhes a saudade que podia ser vista “Nas velas e barcos parados” como se o eu lírico não pudesse, por alguma razão, esta próximo da amada, quem sabe pela distância, ou o fato de o mesmo morar em uma cidade e ela outra, “Às margens de outra cidade”. Tudo isso, como uma bela declaração de amor à cidade de Belém, à cultura, às pessoas, à forma simples que vivem e cenários típicos da Amazônia. A natureza integra-se, portanto, ao cenário de paixão; mesma característica identificada na canção (4) a seguir.

4 - Flor do Destino (Nilson Chaves e Vital Lima. CD Nilson Chaves Em Dez Anos, 1992)

*Te amei assim como água de chuva
Que vai penetrando pra dentro do mundo
Te bebi assim como poço de rua
Que eu olhava dentro mas não via o fundo
Tu me deste um sonho
Eu te trouxe um gosto de tucumã
Tu me deste um beijo
E a gente se amou até de manhã
Veio o sol batendo
E nos despertou
Da gente virando terra, mato,
Galho e flor
Água de riacho é clara e limpinha
Mas às vezes turva com a chuva violenta
Teu amor é um papagaio que xina
Dentro do silêncio da tarde cinzenta
E o amor é um rio
Profundo rio
De muitos sinais
Onde os barcos passam
Conforme o vento deseja e faz*

*Ai que ainda me lembro
Disso que ficou
Da gente virando terra, mato,
galho e flor*

A canção fala do amor. O eu lírico canta o amor entres dois enamorados, assim como o amor pela vida, pela natureza, o amor pela cidade de Belém, que para o eu lírico o equivale ao seu amor pelo Brasil. Ele compara o amor ao fenômeno da natureza a “chuva”, como no verso “te amei assim como água de chuva”, chuva está que caem todos os fins de tarde na cidade das mangueiras. Representando o amor, que chega de repente sem avisar. No verso “que vai penetrando pra dentro do mundo” o eu lírico quer dizer neste verso que chuva quando cai aqui na região norte tem impacto em outros lugares do país e do mundo.

No verso “Te bebi assim como poço de rua”, o eu lírico fala do amor como algo tão simples, como o ato de beber algo, mais difícil de encontrar, assim é o amor. É cheio de mistérios, segredos como diz no verso “Que eu olhava dentro, mas não via o fundo”.

Quando diz nos versos “Tu me deste um sonho”, “Eu te trouxe o gosto do tucumã” o eu lírico fala da amada, que aceitou ficar com ele e agora ele vai mostrar a ela as belezas da vida, vão dividir um sonho, trocando experiências, experimentando coisas novas, como provar o gosto doce do tucumã⁹.

Envolto de sonhos, surpresas e descobertas os enamorados compartilham tudo que a natureza lhes oferece, e em meio a toda beleza e encanto, acontece o beijo e então se amam, como canta nos versos “Tu me deste um beijo”, “E a gente se amou até de manhã”. Acordados pelo astro rei, o sol, nasce o amor tão puro que o compara com elementos da natureza, utilizando metáforas “Da gente virando terra, mato, Galho e flor”. Como se fossem uma semente jogada na terra, regada pela água da chuva e pelo sol, nasce uma planta, assim como nasce o amor e tudo que precisa de carinho e cuidados.

Mas como nem tudo na vida é para sempre, este amor também passa por momentos difíceis: “Água de riacho é clara e limpinha”, “mas às vezes turva com a chuva violenta”. Vemos o eu lírico se referindo às desilusões amorosas, pois na vida tudo muda de repente. Com o cotidiano surgem as brigas, os desentendimentos, as

⁹ Fruta típica da região amazônica. Disponível em: <http://portalamazonia.com.br>. Acesso em março em 2015.

desconfianças, coisas inevitáveis em uma relação a dois, acontecendo depois o rompimento quando canta no verso “Teu amor é um papagaio que xina dentro do silêncio da tarde cinzenta”. Ou seja, o amor acaba, vai embora como papagaio levado pelo vento e tudo vira tristeza. E depois do rompimento vem a dor da separação e o que fica apenas a lembrança daquele tempo que compartilharam juntos como diz o verso “Da gente virando terra, mato, galho e flor”. Ficando apenas a saudade.

Para o eu lírico o amor é como um rio nos versos “E o amor é um rio”, “Profundo rio”. O rio é como o amor, pois por ser extenso ele renova suas águas a cada amanhecer. Com o amor também é assim, ele busca se renovar para manter aceso o sentimento dos enamorados. Como as águas do rio nunca ficam no mesmo lugar, já que são levadas pela correnteza para bem longe. Assim é o amor, se transforma a cada dia e segue seu destino nem sabe onde vai parar, assim é a vida como a **“Flor do destino”**. Repleta de caminhos e escolhas, mas sempre em busca da felicidade.

Por fim, em **“Flor do Destino”**, o eu lírico fala do amor em metáforas a partir de elementos da natureza como a chuva, o sol, o tucumã, entre outros, elementos presentes ao longo da canção, que fazem parte da cultura local. O eu lírico usa os pronomes “Eu, Tu, a gente (nós)” na canção para evidenciar essa relação de proximidade com a cultura amazônica. Já na canção **“Olhando Belém”**, apresentada a seguir, o eu lírico fala da saudade que tem da cidade de Belém capital do estado do Pará. Na mesma, o eu lírico faz uso do gerúndio como “olhando, mostrando, sentindo” pra expressar suas ações dando ideia de progressão, continuidade, para reforçar que o eu lírico faz parte da Amazônia, não importando onde ele estiver.

5- Olhando Belém (Nilson Chaves e Celso Viáfora. CD Nilson Chaves Em Dez Anos, 1992)

*O sol da manhã rasga o céu da Amazônia
Eu olho Belém da janela do hotel
As aves que passam fazendo uma zona
Mostrando pra mim que a Amazônia sou eu
E tudo é muito lindo
É branco, é negro, é índio*

*No Rio Tietê mora a minha verdade
Sou caipira, sede urbana dos matos
Um caipora que nasceu na cidade
Um curupira de gravata e sapatos*

*Sem nome e sem dinheiro
Sou mais um brasileiro*

*Olhando Belém enquanto uma canoa desce um rio
E o curumim assiste da canoa um Boeing riscando o vazio
Eu posso acreditar que ainda da pra gente viver numa boa
Os rios da minha aldeia são maiores do que os de Fernando Pessoa*

*Molhando os meus olhos de verde e floresta
Sentindo na pele o que disse o poeta
Eu olho o futuro e pergunto pra insônia
Será que o Brasil nunca viu a Amazônia?*

*E vou dormir com isso
Será que é tão difícil?*

Nesta canção **“Olhando Belém”** o eu lírico falou da saudade que tem de sua cidade natal. Novamente a capital do estado do Pará torna-se tema de suas canções para falar da Amazônia. Que canta com grande saudosismo a distância de sua bela cidade, e que poucas pessoas conhecem.

No verso “O sol da manhã rasga o céu da Amazônia”. O sol que ele vê da janela do hotel é o mesmo que ilumina sua bela cidade lhe trazendo lembrança. O eu lírico faz uma exaltação saudosista a Belém, presente no verso “Eu olho Belém da janela de um hotel” relembrando de sua cidade, imaginando a revoada dos pássaros presente no verso “As aves que passam fazendo uma zona”, mostrando que mesmo estando distante de sua cidade, ainda guarda boas lembranças e ela faz parte dele não importa onde estiver.

O eu lírico sabe que sua cidade também faz parte do imenso Brasil e ele se orgulha disso, e por mais que ele tenha que ir para outro lugar, suas raízes estão sempre com ele presentes, como no verso “Mostrando pra mim que a Amazônia sou eu”. Neste contexto percebemos os estereótipos que envolvem as relações sociais presentes na sociedade brasileira, como as discrepâncias entre as duas cidades Belém e São Paulo citadas na letra da canção. Onde a maioria da população brasileira acredita que as coisas distantes do eixo Rio de Janeiro/ São Paulo são inferiores. E não é bem assim, todos deveriam ter a oportunidade de conhecer a exuberância, das cidades amazônicas, como ele, e se sentir feliz por isso, presente nos versos “E tudo é muito lindo”, “É branco, é negro, é índio”. Já que todos nós fazemos parte de uma só nação, a qual foi formada através da miscigenação de vários povos, como: branco, negro e índio. Somos todos iguais, somos todos brasileiros.

Percebemos que a canção fala também das relações sociais, que envolve a população das grandes cidades, como São Paulo e Belém. Presentes nos versos “No Rio Tietê mora a minha verdade”, “Um curupira de gravata e sapatos” vemos dois aspectos sociais bem diversificados, pois o eu lírico se percebe numa cidade muito diferente da sua, se sente um curupira, ou seja, um caboclo do interior tentando se adaptar, pois nasceu na cidade, mas, gosta da simplicidade e da vida calma do interior “Sou caipira, sede urbana dos matos”. Que por algum motivo teve que sair de sua cidade, em busca de oportunidades como nos versos “Sem nome e sem dinheiro”, “Sou mais um brasileiro”, sendo mais um entre muitos, mais precisamente das regiões Norte e Nordeste do Brasil, que vão para o centro sul em busca de melhorias de vida, de conseguir um bom emprego, mais oportunidade de estudo, indo parar num lugar desconhecido, onde quase tudo é novidade, porém, os problemas sociais continuam a existir.

Nos versos “Olhando Belém enquanto uma canoa desce um rio”, “E o curumim assiste da canoa um Boeing riscando o vazio” aqui, percebemos um antagonismo entre as palavras Canoa/Boeing para mostra o tradicional/moderno juntos, de como coisas bem diferentes convivendo no mesmo “espaço” mostrando que sua cidade, também acompanha a modernidade, por meio das companhias aéreas com seus aviões, oferecendo uma maneira mais rápida de locomoção. Sendo que a canoa se remete a uma realidade local da Amazônia muito utilizada pelos ribeirinhos e o Boeing é uma realidade distante que poucos terão oportunidade de usar, lhes restando apenas vê passar. Mas ambas estão presentes em sua vida. Ele tem orgulho em se sentir um caipora, curupira já que nunca vai esquecer sua origem não importa onde estiver ou para onde vá, sua cidade sempre vai ser o melhor lugar do mundo, presente neste verso “Eu posso acreditar que ainda da pra viver numa boa”.

No verso “Os rios da minha aldeia são maiores do que os de Fernando Pessoa” o eu lírico faz uma comparação entre o rio de sua aldeia e o rio da aldeia de Fernando Pessoa. Se referindo a uma poesia de o Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro heterônimo de Pessoa. Alberto Cairo nessa poesia fala sobre o rio “Tejo”, na canção “*Olhando Belém*” o eu lírico se refere ao rio “Amazonas”, pois ele é considerado o maior rio do mundo indo muito além de sua aldeia. Pois é um rio conhecido no mundo todo. Este fato lhe deixa tão feliz que o emociona “molhando os meus olhos de verde floresta”. E tudo que faz parte dessa aldeia, ou seja, o Amazonas o deixa orgulhoso.

O eu lírico diz nos versos “Sentindo na pele o que disse o poeta”, “Eu olho o futuro e pergunto pra insônia”, “Será que o Brasil nunca viu a Amazônia?”. Nestes versos estabelece ligações entre dois mundos o da aparência e da essência, esta canção nos dá a oportunidade de fazer várias reflexões sobre a vida ao longo do rio Amazonas causando sua inquietação, provocando até insônia, o deixando preocupado com o futuro.

O que nos chama a atenção ao longo de todas as canções é o emprego de metáforas associando a natureza a cidade de Belém e à saudade desta. A natureza é um tema bastante utilizado nas canções apresentadas ao longo dessa seção para falar de Belém. Ao considerarmos a relação de identidade do açaí com a região norte, apresentamos ainda, a canção “**Sabor Açaí**”.

6- Sabor Açaí (Nilson Chaves e João Gomes. CD Nilson Chaves Em Dez Anos, 1992)

*E prá que tu foi plantado
E prá que tu foi plantada
Prá invadir a nossa mesa
E abastar a nossa casa...
Teu destino foi traçado
Pelas mãos da mãe do mato
Mãos prendadas de uma deusa
Mãos de toque abençoado...
És a planta que alimenta
A paixão do nosso povo
Macho fêmea das touceiras
Onde Oxossi faz seu posto...
A mais magra das palmeiras
Mas mulher do sangue grosso
E homem do sangue vasto
Tu te entrega até o caroço...
E tua fruta vai rolando
Para os nossos alguidares
Tu te entregas ao sacrifício
Fruta santa, fruta mártir
Tens o dom de seres muito
Onde muitos não têm nada
Uns te chamam açazeiro
Outros te chamam juçara...
Põe tapioca
Põe farinha d'água
Põe açúcar*

*Não põe nada
Ou me bebe como um suco
Que eu sou muito mais que um fruto
Sou sabor marajoara
Sou sabor marajoara
Sou sabor...(2x)
Põe tapioca
Põe farinha d'água...(9x)*

Vemos impregnado na canção o orgulho do povo amazônico pelo açaí¹⁰. Uma verdadeira homenagem ao fruto. Fruto este que a mãe natureza colocou à disposição dos ribeirinhos e caboclos do norte do país. Abençoando-lhe com este fruto que, através de seu vinho extraído da floresta, serve de alimento para sustentar famílias, exemplificado nos seguintes versos, “Pra invadir a nossa mesa” “E abastar a nossa casa...”. No verso “Mãos prendadas de uma deusa mãos de toque abençoado”. O eu lírico compara o açaí a uma fruta divina, abençoado por uma Deusa que oferece frutos como alimentos. Por esta razão, é como se o eu lírico clamasse pela preservação dessa maravilhosa palmeira, que faz parte dessa imensa floresta; para que ela continue abençoando muitas famílias que as vezes não tem nada para comer.

O eu lírico fala que é na touceira do açaí que Óxossi¹¹ protege a floresta, como diz no verso “Onde Óxossi faz seu posto...”. O eu lírico faz referência às crenças indígenas dos povos da floresta, que acreditam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados, protegendo assim este fruto da Amazônia. Nos versos seguintes ele exalta o fruto “A mais magra das palmeiras”, “Mas mulher do sangue grosso”, “E homem do sangue vasto”, “Tu te entrega até o caroço”. O eu lírico fala da palmeira forte, que apesar de “Magra” seu suco extraído nos alguidares, que é amassado artesanalmente pelos ribeirinhos da Amazônia, é retirada a polpa do fruto até o caroço, obtendo um vinho fino ou grosso, muito saboroso apreciado pelo povo amazônica. Dessa palmeira

¹⁰ O açaí (*Euterpe oleracea*) é um dos frutos mais conhecidos da região norte do Brasil. É o alimento presente diariamente na mesa do ribeirinho, do caboclo da floresta e dos demais que habitam essa região. É extraído de uma palmeira encontrada no Amazonas, Pará, Maranhão, Acre e Amapá. Esta palmeira recebe nomes diferentes dependendo do estado que é encontrada. No Maranhão a chamam de Juçara, no Pará e no Amapá chamam de açaizeiro. Disponível em: https://www.inpa.gov.br/sementes/iT/16_Acai.pdf. Acesso em março de 2015.

¹¹ *Oxóssi* é o orixá da caça e da fartura, das florestas e das relações entre o reino animal e vegetal. É representado nas florestas caçando com seu arco e flecha. Disponível em: <http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/oxossi>. Acesso em março de 2015.

se aproveita tudo: o vinho do fruto, do caule se retira o palmito e o caroço que serve de adubo.

O açaí faz parte da identidade cultural de Belém do Pará, como riqueza marajoara e Amazônica, sendo considerada muito mais que um simples fruto. Seu sabor tem conquistado muitas pessoas, nacionalmente e internacionalmente, por isso ficou bastante conhecido, valorizando ainda mais este fruto. O eu lírico homenageia este fruto com essa bela canção para que todos conheçam as belezas e as riquezas da floresta Amazônica, contando um pouco da vida dos povos que habitam esta região, falando de sua cultura, sua regionalidade, suas comidas típicas, de suas frutas em especial do açaí. Evidencia desta forma particularidades da região norte. Após essa bela homenagem à Amazônia e ao açaí, apresentamos a seguir as canções que tratam do índio.

3.2 Os índios

Baniwa (2006) aponta para a existência de uma grande diferença entre os povos nativos que habitavam as terras que hoje chamamos de Brasil desde milhares de anos antes da chegada dos portugueses e as poucas centenas de povos denominados indígenas que atualmente compõem os 0,4% da população brasileira (IBGE). Essa diferença, segundo o autor, não é só de tempo nem de população, mas principalmente de cultura, de espírito e de visão do mundo sobre o passado, o presente e o futuro. Segundo Baniwa, op. cit., esses índios brasileiros estavam divididos em tribos, de acordo com o tronco linguístico ao qual pertenciam: tupi-guarani (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques e caraíbas (Amazônia)¹².

A cultura indígena era considerada pelo europeu como inferior e grosseira dentro dos padrões exigidos pela sociedade “colonizadora”, cujo único interesse era expandir seus domínios. Segundo Quijano (2005):

[...] a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde

¹² Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/indios/>. Acesso em março de 2015.

então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais

Dentro desta visão eurocêntrica, o “dominante” acreditava que a função era converter os índios ao cristianismo e fazê-lo seguir a cultura européia. Tentando assim, fazer com que os índios perdessem sua cultura e também sua identidade¹³. Diante do exposto, Baniwa (2006) afirma que, de fato, a história é testemunha de que várias tragédias ocasionadas pelos colonizadores aconteceram na vida dos povos originários dessas terras: escravidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males que por pouco não eliminaram por completo os seus habitantes. Para Quijano (2005) o vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização não foi causado principalmente pela violência da conquista, nem pelas enfermidades que os conquistadores trouxeram em seu corpo, mas porque tais índios foram usados como mão de obra descartável, forçados a trabalhar até morrer.

Em relação à história indígena do Brasil, Ribeiro (1995, p. 25) afirma que:

O povo brasileiro pagou, historicamente, um preço terrivelmente alto em lutas das mais cruentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair, através delas, da situação de dependência e opressão em que vive e peleja. Nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sempre vencidos e integrados nos plantéis de escravos.

Há muito a ser falado nas salas de aulas, sobretudo no que se refere à verdadeira história de luta pela sobrevivência e do protagonismo dos povos indígena. Como profissionais que formam cidadãos, temos o dever de trabalhar esta perspectiva da história indígena. É essa história a responsável pela sobrevivência destas populações tão diversas, sobretudo se considerarmos as forças brutais com as quais tiveram de se opor.

Temos que fazer reflexões sobre os resultados dessas forças na vida dos habitantes nativos dessa terra. Mostrar como foi e é a trajetória de luta dos Índios, como

¹³ Os contatos entre indígenas e portugueses. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/indios>. Acesso em março de 2015.

a história do Índio brasileiro foi retratada nas salas de aulas por longos anos. Por que foi instituído um dia para “comemoração ao dia do índio”. Devemos levar nosso aluno a refletir sobre esse fato, e levá-lo a refletir qual o motivo para haver comemoração de um conjunto da sociedade que foi quase extinta.

Hoje, em pleno século XXI, como o Índio ainda é tratado em nossos dias? Segundo Baniwa (2006), para muitos brasileiros a denominação índio tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Para eles, o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc. Para outros ainda, o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances.

Na seção seguinte de nosso trabalho, ao elegermos um conjunto de canções envolvendo a temática indígena, propomos a possibilidade de se tratar desta temática de maneira honesta, pondo as populações indígenas em situação de protagonismo. Contrárias, portanto, às concepções equivocadas mencionadas. A sala de aula é, mais uma vez, o lugar ideal para desconstruir ideias errôneas. A canção auxilia nesse sentido.

3.2.1 O Índio nas canções de Nilson Chaves

No conjunto das músicas aqui apresentado, o índio¹⁴ é pensado como figura real da sociedade nacional. Trata-se daquele que passou por longos anos de luta e opressão; ama e sofre por esse amor. É um índio que deseja fazer denúncias em relação à destruição do planeta; é um ser que sabe respeitar seu ambiente; que deseja valorizar sua cultura. Aprendeu a se defender da opressão social, reivindicando e garantindo seus direitos. Esse índio contrasta, portanto, com o índio idealizado no período colonial.

¹⁴ Segundo Baniwa (2006) esta denominação é o resultado de um mero erro náutico. O navegador italiano Cristóvão Colombo, em nome da Coroa Espanhola, empreendeu uma viagem em 1492 partindo da Espanha rumo às Índias, na época uma região da Ásia. Castigada por fortes tempestades, a frota ficou à deriva por muitos dias até alcançar uma região continental que Colombo imaginou que fossem as Índias, mas que na Verdade era o atual continente americano. Foi assim que os habitantes encontrados nesse novo continente receberam o apelido genérico de “índios” ou “indígenas” que até hoje conservam. Diante disso, seriam nativos e não índios, mas ocasionalmente até hoje são conhecidos como índios e na realidade são. Então, todos os índios pertencem a tribos e etnias diferentes, mas Baniwa (2006) afirma que, A partir disso, o sentido pejorativo de índio foi sendo mudado para outro positivo de identidade multiétnica de todos os povos nativos do continente. De pejorativo passou a uma marca identitária capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns. É neste sentido que hoje todos os índios se tratam como parentes. O termo parente não significa que todos os índios sejam iguais e nem semelhantes.

O mesmo contraste se dá quando pensamos a figura indígena que permeia a consciência coletiva nacional, na qual, infelizmente, o índio é um ser rotulado como estilizado. Para ser índio tem que andar nu, de cocar na cabeça, arco e flecha na mão. Essa concepção deturpada é a visão de muitos para o significado de ser um índio no Brasil. Salientamos, mais uma vez, que é exatamente contra essa visão que a escola, educadora deve atuar. As canções em questão ajudam nesse sentido.

Abaixo, analisamos as canções *“Tudo Índio”*, *“Amocariu”*, *“Memória da Tribo”*, *“O Sonho do Xamã”*. As mesmas, na maioria são poemas escritos por Eliakin¹⁵ Rufino, que nos esclareceu por e-mail as seguintes questões: na música *“Tudo Índio”* segundo Eliakin Rufino, o poema é uma composição minha, letra e música. Foi gravada pelo Nilson, *“Gaia”* - música de Nilson Chaves, letra de Eliakin Rufino; *“O Sonho do Xamã”* - música de Nilson Chaves, letra de Eliakin Rufino; *“Memória da Tribo”* - música de Nilson Chaves, letra de Eliakin Rufino. Por essa razão, dizemos que são poemas cantados e gravados por Nilson Chaves em parceria com Eliakin Rufino, sendo que a canção *“Amocariu”* é de Nilson Chaves e Saint Clair. Essa informação nos mostra, sobretudo, um Nilson Chaves parceiro de muitos poetas/intelectuais amazônicos. É vasto o número de parcerias que este cantor estabeleceu ao longo de décadas. Dentre várias outras, destacamos, para exemplo, aquela entre Nilson Chaves e Vital Lima. A seguir, apresentamos *“Tudo Índio”*.

7-Tudo Índio – (Eliakin Rufino. CD Tudo Índio de Nilson Chaves, 1995)

*Eu conheço Wapixana que mora no treze
E ele sabe de outros cem
Que também moram lá
Muita gente índia, muita gente
No conselho indigenista
Macuxi de São Vicente
Tudo índio, tudo parente
Em cada bairro da cidade
Cada tribo tem o seu representante
Os Tuxáuas se reúnem
Toda semana
Na associação do Asa Branca
Tudo índio, tudo parente*

¹⁵ Estas canções estão presente também no livro *Cavalo Selvagem* como poemas.

*Eu conheço Yanomame que vende sorvete
E um pedreiro Taurepang que vive de biscate
As mulheres índias
Longe da maloca e da floresta
Sobrevivem como desempregadas domésticas
E os milhares de meninos e meninas
Fazem papel de índio no Boi
Durante as festas juninas
Tudo índio, tudo parente.*

Esta canção pode ser usada para realizar um trabalho que valorize a diversidade indígena, pois, o autor cita várias etnias. É, portanto, um excelente recurso para introduzir o tema diversidade indígena na sala de aula.

“Eu conheço Wapixana que mora no treze”. Nesse verso, o eu lírico faz referências a uma pessoa da tribo dos Wapixana do alto rio Branco, que sai da tribo e vai morar na cidade. Isso é comprovado nos outros versos que dizem “ele sabe de outros cem que também moram lá”, “muita gente índia, muita gente”. O outro verso diz: “no Conselho Indigenista Macuxi de São Vicente”. Neste verso vemos que esses índios estão organizados socialmente, bem como os Tuxáuas, Yanomami e os Taurepang. Cada tribo tem seu representante para conversar e discutir seus problemas, que muitas vezes estão relacionados com situações adversas como a presença de garimpeiros e grileiros de terras.

No verso “***Tudo índio tudo parente***” é importante considerarmos o que diz Baniwa (2006) para quem, “O termo parente¹⁶ não significa que todos os índios sejam iguais e nem semelhantes. Significa apenas que compartilham de alguns interesses comuns, como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global”. Então, esse termo é significativo para os Índios para garantia dos seus direitos, ou seja, parente sim, por que a maioria da população brasileira luta por seus direitos, inclusão e igualdade social. Outra percepção possível no verso em questão conduz-nos à compreensão de que “tudo índio tudo parente” todos somos do Brasil, somos índios, todos parentes, por isso, não deveria ter diferenças entre classes, todos deveriam ser iguais, como é na sociedade indígena. A escola, portanto, não deverá se furtar a essa responsabilidade.

Os próximos versos expressam a necessidade de sobrevivência, “eu conheço Yanomami que vende sorvete e um Taurepang que vive de biscate”. Verificamos nesse

¹⁶ Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/parente>. Acesso em abril de 2015.

trecho da canção uma das muitas razões que fizeram os índios saírem de suas terras e ir para a cidade, onde vivem sem rumo nem norte, passando por grandes necessidades e dificuldades para se comunicar, sendo muitas vezes enganados tendo que trabalhar para manter a família e buscar dignidade, tudo por que já não são donos de seu chão.

Sobre a situação das mulheres indígenas, a canção afirma: “as mulheres índias longe da maloca e da floresta sobrevivem como desempregadas domésticas”. Esse verso pode nos mostrar os problemas sociais de ‘subsistência’ a que as mulheres índias são submetidas. Nas aldeias, tinham tudo que precisavam para viver, não precisavam pagar por nada.

No verso “e os milhares de meninos e meninas fazem papel de índio no boi durante as festas juninas” notamos que o eu lírico fala que brincamos de índio mesmo sem reconhecer que somos índios. Isso é uma realidade: somos todos índios, porque somos povo brasileiro, cada um com sua diferença. Mas também esse fato se dá devido à história da colonização do Brasil já que o povo brasileiro é formado pela mistura de vários povos.

Para finalizar a canção, temos o verso “Tudo índio, tudo parente” reafirmamos a reflexão acima, de que somos todos iguais, todos temos diferenças, e somos todos brasileiros, somos índios também. Com isso, podemos afirmar que as canções de Nilson Chaves são ótimos recursos para trabalhar na escola a diversidade do Brasil na formação de sua população ao longo dos séculos, uma vez que faz referência à presença das próprias populações indígenas nas cidades do Brasil.

O professor pode usar essa canção como ferramenta de aprendizagem, realizando interpretação e instigando o aluno a falar sobre o que diz o poema. A partir daí, falar sobre a diversidade, a cultura e a herança indígena na sociedade brasileira. Isso será de grande importância na formação educacional no que se refere à contextualização real dessa história. Com esse recurso, o professor leva os alunos a refletirem sobre questões como, mesmo que os índios venham morar na cidade e conviver com culturas diferentes da deles, vão continuar sendo índios, pelo fato de nunca perderem sua identidade indígena. Como também percebemos a presença da linguagem indígena através do eu lírico declarando seu amor a cidade de Belém, a seguir apresentamos a canção “*Amocariu*”.

8- Amocariu (Nilson Chaves e Saint Clair du Baixo. Em dez anos – Outros Brasis, 1992)

*Tecai tintera
Amocariu*

*Itororó, pirajá
Perebebuí,
Cajurú,
cametá,
E Marajó*

*Foi o curumim
Para adormecê
Na samaúma
Mãe da floresta
Plumas ao vento
Itaguari*

*Tecai tintera
Amocariu*

O eu lírico inicia “*Amocariu*” já fazendo uma despedida como podemos ver na tradução do verso “Tecai tintera Amocariu” que traduzimos como "adeus, pra sempre vou partir". O eu lírico evidencia o sentimento de despedida. Faz uso da língua indígena e portuguesa na canção, para mostrar a importância de valorizar a educação intercultural, de maneira que sejam preservadas as culturas entre si. Segundo (CASTRO, p. 2, 2011) “quando se fala em nação brasileira, geralmente se excluem as nações indígenas e, no Brasil, enquanto nação e Estado, a língua portuguesa é a língua materna e a língua oficial”. Essa canção serve como suporte para trabalhar as duas línguas, uma vez que apresenta palavras de origem indígena incorporadas ao vocabulário da língua portuguesa.

Em seguida, ao citar nomes das ruas da cidade Belém, o eu lírico expressa o grande amor e valorização por sua regionalidade. Isso tudo vemos nos versos seguintes Itororó, Pirajá, Perebebuí, Cajurú, Cametá, e Marajó são palavras originárias de línguas indígenas, como a palavra Itororó que significa “pequena cachoeira”, Pirajá que é (para+já), “Aguaceiro repentino e curto”, Cajuru o significado é “entrada nas matas”, Marajó que significa “obstáculo, defesa”.

Nos versos “Foi o curumim”, “Para adormecê”, “Na samaúma¹⁷”, “Mãe da floresta”, “Plumas ao vento” percebemos uma relação harmônica entre índio e natureza, como se ela o acolhesse e o protegesse. A natureza é também mais um instrumento para trabalharmos a diversidade cultural na sala de aula, sobretudo nestes tempos em que o ambiente é tema recorrente nas aulas da Educação Básica.

Assim como a canção “*Amocariu*” faz referências a aspectos linguísticos inerentes às culturas indígenas, “*Memória da Tribo*”, a próxima canção, faz um resgate, para preservar essa cultura, na qual enfatiza a tradição, o respeito aos mais velhos, levando em consideração sua sabedoria e seus ensinamentos dentro da tribo.

9- Memória da Tribo (Nilson Chaves e Eliakin Rufino. CD Tudo Índio de Nilson Chaves, 1995)

Minha vó me chamou:

*Curumim venha cá
Venha ver como pé
O sinal do pajé*

*Venha cá curumim
Não vá esquecer
Essa tribo é um rio
O destino é correr*

*Curumim, essa terra
Nunca mais nos pertenceu
Não é de ninguém
Não tem dono
Nem Deus
Curumim venha ver
A panela de barro
O que há pra comer
É um caldo de peixe
Com as sobras do tempo
Cheiro verde, sentimento*

Minha vó me chamou

¹⁷ Samaúma - é uma árvore frondosa, considerada sagrada para o antigo povo “maia” e os que habitam as florestas. Pertence às famílias bombacáceas. (*Ceiba Pentandra Gaertn*). Disponível em: <http://www.samauma.biz>. Acesso em março de 2015.

Em “*Memória da Tribo*” o eu lírico usa palavras simples para mostrar a história de um povo, uma cultura que deve ser valorizada, que não deve ser esquecida, em especial pelo seu próprio povo. No verso que inicia a canção “minha vó me chamou curumim venha cá venha ver como é o sinal do pajé”, o termo vó aparece como uma representante do povo indígena na figura de uma pessoa idosa, com bastante experiência, aquela que aconselha e seus ensinamentos são respeitados por todos; representa o conhecimento dos antepassados. Observa-se aqui, sobretudo, o respeito a experiência dos idosos. Temos o entendimento de que ela chama o menino para vim pra perto dela, deixa eu te mostrar a importância do pajé na nossa tribo.

Nos próximos versos o eu lírico continua seus ensinamentos “venha cá curumim não vá esquecer essa tribo é um rio o destino é correr”. Podemos analisar como um momento educativo, para que o curumim não esqueça que observando a natureza há aprendizagem, valorizando assim os ensinamentos indígenas que diz de sempre viver bem com a natureza para usufruir de seus benefícios, por isso “o destino é correr” o rio nunca para, e sempre vive se renovando, assim tem que ser o índio, sempre buscando novos conhecimentos.

Os versos “curumim essa terra nunca nos pertenceu não é de ninguém não tem dono nem deus” demonstram uma aparente denúncia ou alerta para a luta do Índio na busca de seus direitos em relação à terra. Podemos subentender sobre a ganância de terras, para que tanta cobiça, por uma coisa que não pertence a ninguém e nem tem um deus para se respeitar.

Em suma, nota-se uma relação de não pertencimento; da natureza como senhora de si mesma; do homem como não possuidor da terra. Nos versos seguintes “curumim venha ver na panela de barro o que há pra comer”, “é um caldo de peixe com as sobras do tempo cheiro-verde sentimento”, o eu lírico imprime a intenção da avó, que a história de seu povo precisa ser guardada, para ser repassadas as futuras gerações, como era tradicionalmente feita por seus antepassados.

Além das análises nas canções, podemos trabalhar na sala de aula a composição textual, os elementos que formam os tipos e gêneros textuais. A próxima a ser analisada é o “*Sonho do Xamã*”, poema do livro “*Cavalo Selvagem*” de autoria de Eliakin

Rufino¹⁸ que virou canção. Em relação à obra Tenório Telles¹⁹ (p. 13 – 2011) afirma que esta obra é um manifesto sobre a “irracionalidade da civilização”. Na canção “*Sonho do Xamã*” podemos analisar a visão indígena de denunciar os problemas a que estaremos sujeitos caso não mudemos nossa relação com a natureza.

10-O Sonho do Xamã (Nilson Chaves e Eliakin Rufino. Gaia, 2000)

*Um Xamã Yanomami sonhou
que a fumaça da civilização
abriria um buraco no céu
e o céu cairia no chão*

*O Xamã resolveu avisar
o que o sonho queria dizer
mas ninguém parou pra escutar
pouca gente tentou entender*

*Muito tempo depois deste sonho
a ciência pôde então descobrir
que o buraco na camada de ozônio
por onde o céu pode cair*

*O meu sonho é que nada aconteça
Que a vida não tenha final
Que o Xamã não desapareça
que o sonho não seja real.*

“*O Sonho do Xamã*” fala sobre problemas ambientais, esta canção vem reforça a denúncia já feita pelo Xamã Yanomami Davi Kopenawa²⁰ em seu único livro, intitula “*A Queda do Céu*” é um conto único que faz um relato da história de vida de Davi Kopenawa, que lidera a Hutukara Associação Yanomami²¹ que defende os direitos de sua tribo ao redor do mundo. O livro de Davi também faz referência a assuntos atual, como a preservação da Amazônia.

¹⁸ Nascido em Boa Vista, capital do Estado de Roraima, em 27 de maio de 1956. Faz shows de música e poesia falada, com banda ou no formato voz e violão. Disponível em: www.letras.com.br/#!biografia/eliakin-rufino. Acesso em março de 2015.

¹⁹ Disponível em: <https://tenoriotellesblog.wordpress.com/about/>. Acesso em março de 2015.

²⁰ Xamã e porta-voz do seu povo – descreve a rica cultura, história e modos de vida dos Yanomami da floresta amazônica. Disponível em: <http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias>. Acesso em março de 2015.

²¹ Disponível em: <http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9706>. Xamã Yanomami publica livro único, ‘A Queda do Céu’ 4 novembro 2013. Acesso em junho de 2015.

A canção é escrita na terceira pessoa do singular para harmonizar a leitura ao mesmo tempo em que faz a denúncia, chamando a atenção para um problema real. Nos versos, “um Xamã Yanomami sonhou”, “que a fumaça da civilização”, “abriria um buraco no céu”, “e o céu cairia no chão” o eu lírico busca refletir sobre todas as coisas que causam agressões ao meio ambiente, demonstrando a preocupação dos índios em relação a vida na terra.

O eu lírico usa rimas entre versos como: civilização/chão, avisar/escutar, dizer/entender, sonho/ozônio, descobrir/cair, aconteça/esperança, final/real para valorizar e reforçar a mensagem. Ao mesmo tempo em que o eu lírico enfatiza o alerta em relação à preservação da vida no planeta terra, ele faz um chamamento que pode ser combatido e reconhecido, por exemplo, através da educação ambiental, desenvolvendo assim a conscientização para os fatos que estão ocorrendo no mundo relacionado à preservação da vida no planeta. Presente nos seguintes versos: “que a fumaça da civilização abriria um buraco no céu”.

Percebemos o uso de metáforas com o objetivo de expressar a grande gravidade do problema ambiental. A seguir, se confirma a problemática anunciada no próximo verso “e o céu cairia no chão”. De maneira subjetiva, podemos analisar o grau do problema, pois, como visualizar o céu caindo no chão, mas percebendo uma grande gravidade nesse assunto.

Os versos a seguir apresentam uma denúncia quando diz: “o Xamã resolveu avisar”, “o que o sonho queria dizer”, “mas ninguém parou pra escutar”, “pouca gente tentou entender”. Em tal denúncia, o eu lírico não é ouvido, por ser índio, sendo ignorado, porém, se tal fato tivesse sido feito por uma pessoa de renome, por certo seria ouvido, já que a denúncia estaria relacionada a destruição do planeta.

Nos últimos versos “O meu sonho é que nada aconteça”, “Que a vida não tenha final”, “Que o Xamã não desapareça”, “que o sonho não seja real” o eu lírico quer que tudo não passe de um sonho, que o homem se conscientize e não promova a destruição da vida na terra, que o índio não entre em extinção, pois, há um apelo em relação a preservação da vida no planeta, que tudo não passe de uma ficção literária, que seja apenas um sonho.

Acentuamos a presença de recursos estilísticos²² nas canções de Nilson Chaves, o uso dessas expressões vem valorizar não só as canções, mas ilustra as mensagens presentes nessas nelas. Ao usar metáforas podemos frisar que o eu lírico quer enfatizar os temas tratados, chamando atenção para um problema que é eminente como a poluição ambiental, sendo que não é um assunto peculiar apenas do Brasil, mas do mundo todo.

4 NILSON CHAVES: PAIXÃO PELAS CANÇÕES

Nilson Chaves através das canções analisadas nos revela uma Amazônia e seus habitantes, em especial os indígenas, que pensávamos conhecer, mas nos surpreendemos ao fazermos essas análises, pois, percebemos que não conhecemos a Amazônia como deveríamos, talvez seja por vivermos em uma parte dessa região que não nos damos conta de tanto que precisamos conhecer, isto é, somente conhecendo poderemos falar da Amazônia e desmistificar estereótipos relacionados aos que dela tiram sua sobrevivência, dando a entender que somente os Amazônidas precisam preservá-la.

A ideia de preservação e conscientização, no entanto, é papel de todos, já que a Amazônia é considerada “pulmão do mundo”, como já mencionamos, por sua reserva natural de oxigênio. Chama-nos a atenção a falta de preocupação em preservar a Amazônia por parte das entidades governamentais, sendo que estes querem apenas o progresso a qualquer “custo”, não se importando com aqueles que vêm a Amazônia sua casa, seu habitat, seu sustento, sua sobrevivência, como o indígena, e os povos da floresta.

Como professoras, compreendemos a necessidade de repassar esses conhecimentos aos alunos de forma responsável e consciente, levando sempre em consideração que cada povo tem sua dinâmica histórica própria, e que todos somos diferentes; que a diversidade, seja ela cultural, econômica, social, afetiva, étnica, faz com que sejamos antes de tudo humanos. E, como tal, o respeito deve vir acima de tudo.

Assim, propor trabalhar a temática indígena e ambiental durante todo o ano letivo, não tendo apenas o livro didático único recurso para ministrar as aulas, sendo

²² A Estilística é a arte do estilo, da elegância, por isso os recursos estilísticos aparecem com destaque, uma vez que busca maior expressividade. Disponível em: <http://www.portugues.com.br/gramatica/conceito-estilistica.html>. Acesso em abril de 2015.

este também importante, porém, os mesmos fazem referência em especial à ocorrência de representações estereotipadas dos povos indígenas, que segundo (Bonin 2010, apud Bhabha 2005, p. 117) estereótipos são estratégias discursivas que simplificam a definição daqueles que considerados diferentes ou variantes.

Sugerimos que as aulas sejam ministradas de forma lúdica, mas reflexiva, levando em consideração as canções que abordam o tema Amazônia e os povos que nela habitam em especial a história dos indígenas, que têm uma relação de interdependência, ou seja, não podemos falar de um sem lembra do outro. Por isso, entendemos que as canções analisadas são excelente recurso didático para trabalhar essas temáticas em qualquer data do ano letivo, sendo que se trata de temas que estão em voga no momento e merecem mais ênfase no âmbito escolar.

No caso dos povos indígenas, o respeito que se deve ter por esses povos, pela relevância e representatividade dos mesmos na formação do povo brasileiro, a importância dos saberes indígenas acerca das plantas medicinais, agricultura e tudo que eles representam na conservação, preservação do meio ambiente e da biodiversidade da região Amazônica.

Nesse sentido observamos que a palavra preservação seja o sentimento do eu lírico em relação às coisas que são inerentes a Amazônia. A utilização de metáforas pelo eu lírico em todas as letras das músicas analisadas, atua como ferramenta linguística para chamar a atenção do leitor em relação à representatividade da Amazônia na vida do cantor, especialmente a cidade de Belém do Pará, sua identidade com os povos indígenas.

Os temas presentes nas canções são atuais, apesar de seus autores as terem escrito há décadas; pois fala da exuberância da floresta Amazônia e dos povos mais antigos que já habitavam o Brasil muito antes da colonização, os Índios. Assim como, das relações que devemos ter com a natureza através da floresta, que nos fornece tudo que precisamos como os alimentos, frutas, madeira para construção de casas, plantas para fazer medicamentos, entre outros. Cabe à população respeitar e preservar a floresta e os povos indígenas que ainda vivem nela. E assim para que nossos filhos e netos tenham a oportunidade de conhecê-la.

Sendo assim, o melhor lugar para fazer com que todos tenham acesso a estas informações é a escola. Através dos temas abordados, o professor pode divulgar e difundir essas temáticas de maneira lúdica na escola. Segundo Mateiro (2011, p. 251)

“O papel da música nas escolas não é o de formar instrumentistas, mas o de proporcionar o contato com a música através de experiências variadas e criativas”. Segundo este autor:

É necessário permitir e estimular que o aluno expresse seus sentidos e visão de mundo através de sons e silêncios. Os artistas, os poetas e os músicos retratam em suas obras imagens da natureza e situações da vida humana, entretanto, além disso, eles também projetam seus sentimentos. A educação dos sentimentos deve permear a formação de técnicas específicas, pois sem ela as demais habilidades ficarão vazias. O espírito da descoberta, características da sociedade do século XX, ajuda o desenvolvimento da sensibilidade considerando ser algo que o professor não pode ensinar aos seus alunos. Entretanto, o aluno, se movido pela aventura da descoberta terá uma experiência única e pessoal, relacionando sentimentos, imaginação e invenção (Paynter, 1972; Mills; Payner, 2008).

A presença da temática indígena na escola nos remete aos PCNs, nos faz pensar na Lei 11.645, que torna obrigatório o ensino da cultura indígena nas escolas. Em seu Art.26-A que diz que a lei estabelece o direito ao estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. E devem ser trabalhados de maneira a valorizar sua diversidade cultural.

Amazônia e Índio são dois temas que se encontram entrelaçados no contexto histórico do Brasil. Dentro dessa relação podemos enfatizar a predominância da vida, tanto no que se refere ao homem, quanto ao que se refere a natureza, numa interação ecológica, onde um não pode se separar do outro, quase que se tornando uma simbiose.

Diante dessa observação falamos das riquezas encontradas nas canções de Nilson Chaves, que por meio da sua arte fez ser conhecida a Amazônia com toda a sua regionalidade, ele mostra o seu grande amor pela sua cidade natal, pela sua região, assim com, as particularidades de ser Amazônida, Índio e Brasileiro. Através de sua arte, faz parcerias com escritores e poetas para valorizar a literatura da região, também vêm evidenciar os indígenas como instrumentos culturais, como representantes de outra identidade.

Ao longo da história do Brasil, nossos antepassados ganharam as páginas de relatos de viajantes que, em outras línguas, levavam aos europeus suas impressões sobre o Novo Mundo, sua natureza e sua gente. Mas o selvagem exótico logo se transforma em herói do Romantismo no século XIX, em personagens da Literatura. Segundo Cardoso, “A primeira razão para isso foi à valorização das teorias da bondade natural do

homem que marcaram o Romantismo, sobretudo o Romantismo europeu, no final do século XVIII”.

O índio então virou moda no mundo e no Brasil e passou a ser referência para a criação de uma nacionalidade. Assim coube aos escritores brasileiros como José de Alencar e Gonçalves Dias em suas obras criar uma consciência de nacionalidade através da figura do Índio. No século XIX, apesar de ser clara a visão nacionalista, o índio foi retratado como herói, mas, podemos também mostrar que esse índio nunca foi herói reconhecido na totalidade, visto que tinha que ser convertido para poder ser aceito, como podemos ver na história de “*Peri e Ceci*”.

O índio nas canções de Nilson Chaves é um índio que busca seu direito, que registra sua história, um índio que respeita a natureza e faz denúncias em relação à poluição do planeta. Este índio contrasta, portanto, com o índio idealizado na Literatura Brasileira, bem como o índio real na história do Brasil, escravizado, enganado, violentado de várias formas. Segundo Magalhães, (2006, p. 3):

O índio na literatura sempre foi descrito pela visão (e versão) do outro, [...]. A literatura a partir do momento que só coloca a visão do outro (não índio) está sendo uma contribuição nas produções de destruição do índio. A literatura passa a ser uma ferramenta primordial, pois passa de um modo despercebido, ela entra na cultura das pessoas.

Essa versão é recorrente da história indígena do período colonialista, na primeira fase do romantismo no Brasil. E hoje, o índio que vemos nas canções é inteligente, se relaciona com a natureza de maneira sustentável, um índio que escreve sua história, faz literatura, que mostra que todos os brasileiros são índios, e que os direitos são iguais para todos, respeitando toda a diversidade de ser brasileiro. Contrasta, portanto, como dissemos, com o índio idealizado na literatura brasileira do século XIX.

Em “*Canção do Exílio*”, por exemplo, o eu lírico está distante com saudade de sua terra natal, por isso exalta as belezas naturais de sua pátria (Brasil) com ar de saudosismo. O eu lírico fala de forma nostálgica ao lembrar de sua infância e de seus amores. Há também a presença da religiosidade no poema, quando se volta pra Deus, pedindo que não morra longe de sua terra natal. Neste poema o eu lírico também se utiliza de metáforas entre outras figuras de linguagem para reforçar as ideias de “lá e cá” quando se refere ao Brasil e Portugal.

Como podemos perceber Gonçalves Dias e Nilson Chaves se assemelham em alguns aspectos abordados em suas composições quando: falam da beleza da natureza, da saudade da terra natal, da religiosidade, dos amores, porém sob pontos de vistas diferentes. Um exalta a natureza brasileira de forma geral o outro da natureza Amazônica, mas especificamente de Belém do Pará. E quanto à figura do índio eles têm formas diferentes de vê-lo.

Gonçalves Dias idealiza a bravura do índio, um herói, valente e guerreiro. Esta é uma visão idealizada romântica do índio. Segundo José de Alencar, “Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência: ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens”²³. O índio nas poesias de Gonçalves Dias é bem elaborado se tornando um símbolo poético.

Já na visão poética de Nilson Chaves e seus colaboradores o índio é visto sob outro aspecto, mais moderno, atual. Onde vemos este índio se redescobrimo numa situação de sobrevivência, diferente da visão poética citada anteriormente, pois ele foi forçado a sair de sua terra e ir morar nas cidades, tendo que procurar outros meios para sobreviver, aquele que passa a reivindicar seus direitos a terra, que luta por eles. Que denúncia os maus tratos a natureza: a poluição, o desmatamento. Um índio real e não mais idealizado.

Finalmente, reiteramos nosso objetivo inicial deste TCC, que é incentivar professores a realizarem atividades em sala de aula que envolva as temáticas aqui abordadas como instrumento de ensino aprendizagem; seja nas aulas de Língua Portuguesa, Literatura ou em qualquer disciplina da matriz curricular. Essa atitude não deve ser encarada apenas em decorrência do que determina a lei 11.645/08, não como resultado da busca por uma formação verdadeiramente cidadã, na qual valores como respeito à diferença e valorização do outro façam parte do processo pedagógico.

²³Disponível em: <https://cdeassis.wordpress.com/2010/04/19/homenagem-ao-indio-por-goncalves-dias/>. Acesso em abril 2015.

5 REFERÊNCIAS

Amazônia indígena: conquistas e desafios. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/-indigenistas/>. Acesso em março de 2015.

Amazônia fascínio e destruição. Disponível em: <http://www.greepeace.org/brasil/pt/o-que-fazemos/amazonia>. Acesso em março de 2015.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. EDUCAÇÃO PARA TODOS – COLEÇÃO. Brasília, novembro de 2006.

BERNARDO, Pacheco Loureiro. **O Plano de Integração Nacional de 1970 e as rodovias na Amazônia:** o caso da região amazônica na política de integração do território Nacional. N USP 4355431 AUP 270 – A formação do espaço nacional 2010.

BONIN, Iara Tatiana e Rosa Maria Hessel Silveira. **A temática indígena em livros selecionados pelo PNBE:** análises e reflexões. Educação, Porto Alegre, v. 35, n.3, p.329 – 339 set./dez. 2012.

BONIN, Iara Tatiana. **Povos indígenas na rede das temáticas escolares:** o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, pp.73-83, Jan/Jun 2010.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 março de 2008.

CAMPOS, Maria Carolina Gomes de, Cristiane Pereira dos Santos e Adriana Helena Fernandes de Carvalho. **Análise do Poema “Canção do Exílio”.** Publicado em 23 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos>. Acesso em abril de 2015.

CARDOSO, Maria Pereira. **Identidade e Romantismo Brasileiro no Século XIX:** Do canto indianista ao projeto da nação. Disponível em: <http://periodicos.unesco.net/index.php/historia/articles>. Acesso em março de 2015.

CASTRO, Maria Lúcia Souza. **O ensino da língua materna sob a perspectiva docente:** a diglossia na escola. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 4 – Número 1 – Ano IV – Dez/2011. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article> Acesso em março de 2015.

DECKERT, Marta. **Educação musical:** da teoria à prática na sala de aula. Marta Deckert. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2012. – (Cotidiano escolar: ação docente).

Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em março de 2015.

Dicionário Indígena. Disponível em: <http://dicionarioindigena.blogspot.com.br/>. Acesso em março de 2015.

Dicionário Tupi – Português. Disponível em:
<http://www.redebrasileira.com/tupi/vocabulario>. Acesso em março de 2015.

Dicionário de Online de Português. Disponível em:
<http://www.dicio.com.br/pesquisa>. Acesso em março 2015.

IBGE, **Detalhes dados sobre os povos indígenas.** Disponível em:
socioambiental.org/pt-br/blog-do-monitoramento.

Índios do Brasil - Sociedade indígena, escravidão e miscigenação, cultura indígena, índios brasileiros, educação indígena, arte indígena, tribos indígenas do Brasil, línguas indígenas, contato entre índios e portugueses. Disponível em:
http://www.suapesquisa.com/geografia/populacao_indigena.htm. Acesso em março de 2015

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em março de 2015.

MAGALHÃES. Luana Santana - **A Figura do Índio na Literatura** - Fortaleza, 5 de Junho de 2006.

MATEIRO, Tereza, Beatriz Ilari, (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibpx, 2011. – (Série Educação Musical)

MOORE, Albert Dennis, Ana Vilacy Galucio e Nilson Gabas Júnior. **Desafio de documentar e preservar línguas**. Scientific American Brasil 2008. Disponível em:
<http://www.sciam.com.br>. Acesso em março de 2015.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Em livro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino – americanas. Edgardo Lander (org.). Colección SurSur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro de 2005. Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acesso em maio de 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo, 1995. Segunda edição.